

Educação Ambiental com Guimarães Rosa

■ MÔNICA MEYER *

Inflorescência de palmeira e cesta de especiarias, Albert Eckhout, s/d.



Para Guimarães Rosa a natureza não se apresenta como um espetáculo ou um cenário, onde se desenrola a sua viagem pelo sertão mineiro. O escritor vê os vaqueiros como parte da natureza, vivendo e dialogando com outros seres: plantas, bichos, morros e rios. Rosa redimensiona o conceito de ambiente, toma-o por inteiro, ao incluir na tessitura da vida os aspectos sociais, culturais e naturalistas

N

Neste ano de comemorações pelo cinquentenário dos livros *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile* gostaria de apresentar um tema pouco estudado e explorado em Guimarães Rosa – a natureza. Rosa era um naturalista nato, que desenvolveu ao longo da vida uma acuidade invejável. Observador atento e minucioso, registrava na memória e em cadernetas os fenômenos do mundo natural. Uma multiplicidade de significados de natureza, fruto de andanças e vivências, é revelada nas suas anotações de viagem. Com o objetivo de revelar um pouco desse universo roseano, apresento os resultados de uma pesquisa realizada a partir das anotações de Guimarães Rosa pelo sertão de Minas Gerais, em 1952.

Esse material inédito, denominado pelo próprio autor de *A Boiada*, preenche dois cadernos classificados pelo escritor como B1 e B2. Os registros são minuciosos e relatam os preparativos e a travessia do gado desde a Fazenda da Sirga até a Fazenda São Francisco, durante o período de duas semanas. O percurso de cerca de 240km foi cumprido em nove dias em lombo de burro, mula e cavalo. A intensa convivência com os vaqueiros, a fauna, a flora e a região de Minas estão registradas, a lápis, em cadernetas de bolso que Guimarães Rosa trazia penduradas ao pescoço. Esses manuscritos foram datilografados e organizados pelo escritor e integram o “Arquivo Guimarães Rosa”, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

A leitura de *A Boiada* é mais do que uma aula de Educação Ambiental. Guimarães Rosa estimula a percepção e a compreensão das diversas relações sociais com a natureza como um processo histórico e cultural, que possa conduzir a uma reflexão sensível sobre o meu, o seu, o nosso ambiente. Guimarães Rosa, ao valorizar as vivências sensoriais evocadas através do contato íntimo com os gerais, integra sentimento e conhecimento. Um escritor que, ao fazer a travessia com os vaqueiros, vai coletando e colecionando dados objetivos e subjetivos, criando e recriando imagens e situações da realidade dinâmica e concreta vivenciada no espaço exterior e interior do sertão. Um escritor que vai apreendendo o sertão e aprendendo a ser-tão.

Nas anotações de *A Boiada* é possível encontrar um registro minucioso e poético do ambiente em que as sensações e as manifestações culturais estabelecem a comunicação e tecem os elos entre os vaqueiros e os elementos naturais, formando um só conjunto. Guimarães Rosa anota o que viu, ouviu, cheirou, apalpou, provou e viveu durante a travessia. Ele observa e registra os fenômenos naturais, marcando o tempo ecológico e o tempo social. O escritor anota o corpo-a-corpo dos vaqueiros com a natureza, o que possibilita uma leitura e um aprendizado sobre a flora e fauna do sertão.

* Professora da Faculdade de Educação da UFMG.
E-mail: mmeyer@uai.com.br



As cores, os cheiros e os sons da natureza

As descrições diárias das serras, do céu, da água e do ar estão impregnadas de cores e tecem os fios e a trama do horizonte que molda o planeta Terra. Chama a atenção a insistência diária dos registros. Guimaraes Rosa demonstra com esse dado a singularidade dos instantâneos observados - nada é igual e nada se repete, ou seja, mostra a importância do exercício cotidiano do olhar. A travessia da boiada pela água e o rastro deixado representam a fusão de terra, água e ar, momento em que as cores se misturam e os ecossistemas se entrelaçam. Pela poeira da estrada se avista a boiada. Pela cor do rio se faz a leitura dos ciclos da natureza:

A boiada vem lá no cerrado. Olha a poeira dela (por cima das árvores)... (B2, p. 11)... A bela travessia do gado! O pôço fica côr de terra (Límpido, lá em cima)! (B2, p. 50).

A intensidade luminosa altera cores, formas e volumes, e a imagem se modifica, ganha novos contornos. As imagens dialogam em luz e sombra. Assim, o morro da Garça pode ser uma “Pirâmide rasa. Corcova de camelo, às vezes. Às vezes uma tartaruga. Escuro... Morro da Garça, daqui parece um bisão (bisonte) a emergir (B2, p. 38).”

O olhar é variável e depende do olho do observador. A visão oscila e a fotografia da natureza é uma leitura em transformação. Uma natureza plural e ao mesmo tempo singular, viva e mutante, em que os reinos interagem, dialogam, formam em verso o universo.

Guimaraes mergulha no “Amarelo: a côr de flor que predomina no cerrado (B2, p. 28)”, e consegue captar uma pluralidade de matizes. A menção de uma diversidade de tonalidades para o amarelo registra, com precisão, que cada cor é percebida de uma forma única. É como se Guimaraes

Rosa guardasse um pedaço daquele chão em cada palavra, para posteriormente “ruminar”. Provavelmente, a leitura das Notas resgatava o cerrado dentro do autor, levando-o a viajar e se sentir naquele lugar novamente:

O capim com florinhas, amarelas. 1h 45' - A forquilha florida (ramo) de páu-dôce, que ficou prêsa no escoço da rés!... (doiradas flores, em cacho) Sambaibinha - arbusto com flores amarelinhas. (B2, p. 28, 29);... O jenipapeiro claro. Está amadurecendo as fôlhas. Estão amarelecendo. Caem em julho, brotam em agosto. Todos os anos, trocam as fôlhas. Todos os anos, muitas árvores trocam... Ramo de pacaré - lindo, com frutas côr de vinho, estriadas, e flores de cálice muito colorido, pétalas amarelo-frio, longuíssimos estames cabeçudos, antenares...

As anotações acima demonstram, nesses cinco tipos de amarelo (amarela, doiradas, amarelinhas, amarelecendo, amarelo-frio), como a percepção da cor é sinestésica, pois sugere gosto e cheiro quando o gado come as folhas de pau-doce. Sugere luminosidade ao mencionar doiradas. Sugere tamanho ao usar o diminutivo - amarelinhas. Sugere vitalidade ao indicar mudança fisiológica - amarelecendo. Sugere temperatura ao discriminar frio. Guimaraes procura traduzir uma multiplicidade de sensações que permitem ao leitor sentir a natureza em sua totalidade. Como um conto de encantamento, parece que o cerrado mineiro foi transportado para o diário. Em contrapartida, a leitura do diário transporta o leitor para um cerrado mineiro que hoje, obviamente, já não existe. Grande parte da área por onde passou *A Boiada* está coberta por extensas plantações de eucalipto, existindo ainda algumas poucas veredas, mas parcialmente assoreadas.

Guimaraes Rosa percebe os cheiros do cerrado que oscilam de acordo com as estações. Desta forma, constrói um calendário ecológico aromático minucioso:

Mata-barata: fruta (moitazinha) no "alegre". Está de vez. Cheira muito. Em junho, quando maduro, sente-se seu cheiro de longe. (É um cheiro entre o de grão-de-galo e o do pequi). CHEIROS: bate-caixa (flor), laranjeira-do-campo, cagaiteira (flor), pequi (flor) - fede! (B2, p. 36).

A idéia de intensidade (muito), de distância (longe), de qualidade (fede) caracteriza os cheiros como sensações palpáveis. A associação do olfato com o paladar possibilita outras sensações e o escritor registra “Poeira: cheiro de pó. Sentese o gôsto de terra (m%: geofagia)“... O delicioso cheiro da pimentinha vermelha (B1, p. 2,3)”. Guimarães Rosa realça o cheiro da terra e da pimenta com afinidades que podem, inclusive, ser degustadas na imaginação. A presença do boi também é percebida através dos cheiros, deliciosamente de doce, produzidos pelo atrito dos cascos nas pedras:

O cheiro bovino se acentuando mais e ficando dôle, como o de mel na tacha, cheiro de engenho. Raimundo Bindóia explica: é dos cascos, nas pedras! (B2, p. 5)...O vento traz um cheiro mais forte de boi (B2, p. 6), e de bosta e mijo. O cheiro bom (B1, p. 54).

Os sons saltam das páginas de *A Boiada*. A bicharada, o vento, a água, tudo é animado! “Córrego, belo, que murmura grosso mormôr (B2, p. 56). Delícia: rumor de vacas sorvendo água nos poços, a um metro de nós, se tanto.”

Guimarães Rosa resgata o sentido da palavra animado, seres com âni^{ma}-alma. A origem da terminologia advém justamente dessa concepção anímica que se tinha da natureza, responsável pela classificação zoológica. Na linguagem coloquial essa expressão ainda é usada corriqueiramente para traduzir a vibração de uma criatura. Nesse



Flores de Maracujá e Beija-flores, Martin Johnson Heade, 1815.



aspecto, a linguagem canora invade as páginas do diário através de vocábulos onomatopéicos.

PEGA: Nhé-nhé-nhé-nhé!(B1, p. 46)... PÁSSO-PRETO: dão alarme, no meio da noite. E gritam: Chico! Chico!...MÃE-DA-LUA: grita de noite: Foi, foi,foi,foi! (B2, p. 23)

AGUA-SÓ: O canto é tiriririri-chóo-chóo-chóo-água só, água só...! (reza-povo, reza-povo!... outros dizem que é como ele canta) Canta espriritado: água-só, água-só... fica em beira d'água, beira de vereda

SARIEMA: Káu! Káu! KáuKáuKáuKáu"

JAÓ - (do baixio, não dos gerais): assovia: (canta clara, positivamente: - Eu sou jaó!

ZABELÊ: é menor: Eu sou zabelê!...

PERDIZ: assovia chamando o cachorro, claramente

ANHAMBU : canta bonito (B1, p. 19, 20 - 15/5).

Guimarães Rosa traz a passarinhada do sertão para dentro das páginas, não de forma aleatória. Anota o nome popular, descreve suas características, reproduz o canto de acordo com as horas do dia e da noite. Ao folhear o material a sensação é de mergulho no sertão, “é estar no meio de todas alegrias e de todas as grandiosas comoções!” (B2, p. 31) como expressa o autor. Alegria e comoção são sentimentos recorrentes e estão presentes sutilmente nos detalhes, como o de ouvir o estraçalhar de galhos – “belo” - que se contrasta com o ruído longínquo de um caminhão. No meio de sons naturais, o familiar barulho da máquina torna-se anacrônico:

“– O estraçalhar (bulha) de galhos, sêcos ou verdes (Belo!)...O ruído de um caminhão, invisível, fica despau-tério ou anacrônico. Só pode ser algum touro monstruo-so! (Caminhão de creme) (B2, p. 4).” Gritos, cantos,

aboios, risos - marcam “a maravilhosa saída da Boiada. Luz, alegria, festa, gritos. Multidão de vaqueiros. O gado sobe a encosta. Alegres. Encaracolam as caudas. Maravilha! (B2, p. 2)”. Essa festividade se apresenta também em outros momentos da viagem, quando os mais variados sons vão sendo percebidos: um córrego marulha; grilos estridulam; viola toca; rapazes gritam, cantam e roncam. A sinfonia do sertão ganha nota de acordo com o calendário ecológico.



Tangara Dancarina. William Swainson, 1841.

U tempo da natureza

Os acontecimentos em *A Boiada* seguem uma ordem natural. O cálculo e o controle do tempo são cronometrados pelo aparecimento e comportamento periódico de certos pássaros, a floração de algumas espécies vegetais, a sucessão de tarefas e a cumplicidade com o gado. Entretanto, o tempo abstrato é marcado pelo relógio de Guimarães Rosa, que toma nota das horas e minutos dos movimentos da boiada, das refeições e pausas, dos fenômenos naturais, o que demonstra um interesse em determinar a exatidão dos acontecimentos.

Em *A Boiada* apenas duas estações caracterizam o calendário climático e orientam a vida sertaneja: o período seco e o chuvoso. O inverno e o verão tropical recolocam a questão da importação de modelos climáticos. As quatro estações, bastante definidas nos países europeus, não fazem parte do calendário brasileiro. Outro aspecto relevante na construção do calendário é a observação da morfologia e comportamento dos animais. O canto das aves, como signos naturais, anuncia as estações do ano. A nova luminosidade (posição da Terra em relação ao Sol) desperta o sertão que se enche de música:

Tem um passarinho de vereda - (do tamanho de uma juriti, um pouco menor, mas de bico comprido. É pardo, apredrezado, com umas pintas) Chama-se ÁGUA-SÓ... Nas águas, quando está vesp'rando as águas ele canta muito e sai para fora, até nos gerais; cantando então muito. Não canta de dia; de dia nem ninguém vê ele. Canta da boca da noite até à meia noite. Bonito ele não é (B1, p.19).

O tempo é medido ainda pelas fases da lua, pelo nascer e pôr-do-sol, amanhecer e anoitecer. A leitura do firmamento se faz diariamente em *A Boiada*. O curso do sol serve de referencial geográfico para os vaqueiros na

seqüência dos acontecimentos e atividades. Guimarães Rosa destaca as variações da luminosidade ao longo do dia, com realce para a aurora.

6 horas da manhã. Claridade da madrugada. O sol ainda não saiu. Está clareando agora, resumindo - "romper da aurora". Perto de nós, o grosso, enorme rolo reto, de bruma branca. (fumaça) desce da bocaína pela baixada. Sobre ele o outeiro, que marca o nascente. Grandes nuvens alaranjadas, que, a certa hora, se mudam em azuis - mas sobre elas o céu se torna de difusos laivos côr de rosa, extensos. São agora riscos, grossos, imensos, irradiados = aumento dos raios do sol (parecem uma). Maioria a claridade. A bruma sobre o melôso. Aruvalho (orvalho) pesa, pesa na ponta da folha... "Um aruvalho nojento"... O sol saindo (subindo) nossas sombras ficando grandes (engrandecendo) (B2, p. 73 e 74 - 28/5, Taboquinha).

As modificações morfológicas e fisiológicas do gado também monitoram o tempo. Depois de uma jornada de sete dias, os animais começam a perder peso, demonstram cansaço, mudam de comportamento.

"O gado vai emagrecendo, a boiada vai parecendo menor (a vista fica mais ruim) (B2, p. 27)... No comêço da viagem o gado encaracolava o rabo, airando-o. A seguir, vai ficando esmorecido (B2, p. 31)..."

Nesse tipo de calendário, a natureza informa o sertanejo, que aprende a decodificar os signos naturais através do próprio corpo. O ritmo da vida acompanha a trajetória dos fenômenos naturais em constante processo de mudança. Essa transformação contínua contrapõe a idéia de uma natureza estática, pronta e acabada. A periodicidade de ciclos revela a singularidade dos momentos. A vida flui em espiral, retornando ao ponto de partida sempre em outro estágio do tempo e, conseqüentemente, em outro lugar. A concepção temporal, ao ser incorporada à Educação



Ambiental, reformula os modelos de ciclo comumente representados e interpretados linearmente.

Ordenação da natureza

Durante a travessia, os vaqueiros enfrentam um corpo a corpo com a natureza, em que os sentidos estão em estado constante de alerta. O fluxo dessa experiência, organizada e classificada em categorias para ordenar e classificar o mundo natural, possibilita um aprendizado aos vaqueiros (aí incluído Guimarães Rosa). As anotações sobre o gado ganham prioridade, e os berros, aboios, cores, chifres, rastros, nomes ganham notoriedade e traduzem uma classificação que enfatiza a relação de cumplicidade entre humanos e animais (MEYER, 2000).

A listagem de nomes dos animais impressiona em qualidade e quantidade. Guimarães Rosa copia do caderno do vaqueiro Zito, o guieiro da boiada, 171 nomes de vaca. Esse dado, aparentemente desnecessário, possibilita ao leitor imaginar cada animal como único exemplar. Assim, *Maritaca* sugere uma vaca falante, que adora mugir, aboiar, agitada como a ave maritaca; *Cabrita*, espevitada e de pelagem branca; *Piaba*, pequena e magrinha, de cor marrom, que gosta de água. A *Gibóia*, gorducha, roliça, com manchas próxima à cauda, apertando uma rês contra a outra.

A cor da pelagem também é uma denominação bastante descritiva que evoca não só a visão, mas os outros sentidos. Cores escuras e fortes, como *Negrinha*, *Morena*, *Roxona*, sugerem animais de grande vitalidade, esbanjando energia. Já *Porcelana*, *Clareza*, *Rosada*, *Moça-Branca*, de cores claras, aproximam-se mais de um modelo frágil, delicado.

Além dos bois, as aves merecem destaque, e várias espécies de passarinhos estão registradas, a maioria pela cor e canto. Entre os insetos, os mais citados são abelhas, marimbondos e borboletas. Em menor proporção cupins, cigarras, grilos, besouros, libélulas, vaga-lumes e formigas.

O valor prático e utilitário das plantas também está presente em *A Boiada* e demonstra que o sertanejo conhece e faz uso dos recursos naturais para diversos fins. Na natureza, o vaqueiro encontra quase tudo para suprir suas necessidades de sobrevivência.

As descrições de espécies como os bois, as abelhas, os marimbondos e os gaviões têm como referência básica a espécie em si. Por exemplo, a representação do boi está sempre próxima daquilo que o animal, de fato, é. Ele se assusta: “Os bois de um carro (2 juntas) que se assustaram e arrastaram o carro para o mato (B1, p. 2)””; Coça: “A vaca coça sua testa, seu pescoço, num mourão”; Adoece: “há vacas com bicheiras no vaso (vulva)””; Têm defeitos físicos: “Bezerro anão - (Chico): para mamar, tinham de levantar-lhe as pernas, para alcançar as tetas””; Pisoteia - “Estamos no terreiro (eirado) da fazenda. Limpo de vegetação, porque o gado faz malhador. Seu pisoteio impede-a (vegetação)(B1, p. 11)...O gado no pasto mais estraga de pisar que de comer (B2, p. 23).”

As características dos animais e dos vegetais possibilitam a identificação e nomeação de cada ser como um sujeito. Nas entrelinhas das anotações revela-se a sensibilidade de Guimarães Rosa, através da qual se percebe o respeito pela vida e pela preservação da natureza sem explicitar um apelo ecológico (lugar comum). Enfim, a percepção roseana apreende a natureza como uma interação entre sujeitos que merecem registro, mais que isso, poesia. Esta leitura do escritor sobre o sertão ultrapassa a visão antropocêntrica, particularmente aquela que classifica a natureza em recursos naturais, reduzindo-a a uma mercadoria com valor de uso e de troca.

Ser-tao natureza

Através das anotações de *A Boiada* pode-se apreender que a natureza, para Guimarães Rosa, não se apresenta como um espetáculo ou uma coleção ou um cenário ou

um palco, onde se desenrola a aventura da viagem. A natureza não está longe, nem fora, nem ao redor, não impõe medo, nem espanto, nem afasta as pessoas. *O sertão é dentro da gente.*

Guimarães Rosa, ao perceber os vaqueiros como parte da natureza, vivendo, interagindo e dialogando com outros seres - plantas, bichos, morro, rios, redimensiona o conceito de ambiente, toma-o por inteiro, ao incluir na tessitura da vida os aspectos sociais, culturais e naturalistas. As descrições do relevo, da fauna e da flora estão mescladas com aboios, versinhos, adivinhações, conversas e cantorias dos vaqueiros.

A Boiada descreve a natureza o mais próximo possível da realidade, ressaltando os contrastes. O silêncio e os sons agradáveis se juntam aos ruídos anacrônicos; as multicores cheias de luz desenham as sombras; os perfumes aprazíveis e os boduns exalam das páginas. O dia se faz noite e a noite se faz dia entre auroras e crepúsculos, lua e deslua que navegam pelo céu liso-rugoso. A existência desses contrários - som/ruído, luz/sombra, perfume/bodum, dia/noite, aurora/crepúsculo, lua/deslua, liso/rugoso - traduz uma parte de um equilíbrio dinâmico que estreita a interação do ser humano com a natureza. A natureza em *A Boiada* não se apresenta como um paraíso. Há marimbondos, carrapatos e formigas pretas que incomodam e ferream. Desta forma, a vida rural deixa de ser um relato bucólico para ganhar um registro verdadeiro.

Notas para uma Educação Ambiental

Através de *A Boiada* percebe-se a paixão de Guimarães Rosa pelos animais e pelo sertão de Minas Gerais. As anotações, além de constituírem um farto material de pesquisa, contribuem significativamente para uma reflexão em Educação Ambiental que ultrapassa uma abordagem naturalista.



Beija-flor-de-Topete, William Swainson, 1841.

As características do sertão e sua gente fogem aos estereótipos e caricaturas da vida rural presentes em materiais didáticos. O escritor apresenta o sertanejo em sua complexidade cognitiva e cultural. Valores de respeito, solidariedade e convivência se sobressaem. A intimidade com o sertão resulta no aprendizado e na construção de uma rede de significados que traduzem diferentes interpretações da natureza.

Essa pluralidade também pode ser facilmente detectada em situações corriqueiras da cidade. A linguagem coloquial tem sido um ótimo instrumento de pesquisa e análise: bichos e plantas servem como metáforas para qualificar e desqualificar as pessoas, nomear partes genitais, caracterizar clubes esportivos, representar jogos de azar, entre outros tantos usos. Enfim, a relação do ser humano com a natureza é constantemente recriada.



A temática ambiental deve abrir horizontes, trazendo para discussão as diferentes e ambíguas situações. Por exemplo, atividades educativas sobre água devem contemplar as nascentes, estudos detalhados sobre o rio da cidade, visitas às estações de captação e tratamento de água e esgoto, pesquisa sobre os vários usos e significados da água, entre outros aspectos. O utilitarismo prático e imediato dos “recursos naturais” não deve focalizar apenas uma concepção antropocêntrica, unilateral e espoliativa. Deve-se lembrar que os processos ecológicos estão em curso e que outros seres dependem da natureza.

O discurso ecológico corre o risco de se esvaziar quando se desconsidera o contexto sociocultural de um determinado período histórico. Ao descolar os processos ecológicos dos processos sociohistóricos há uma tendência em naturalizar o que de fato é construído nas relações cotidianas.

A percepção e a interpretação ambiental são fundamentais como instrumento que possibilita o sentir, descobrir e apreender o mundo natural. O exercício do olhar, ouvir, cheirar, provar e apalpar exercitam o corpo, que reaprende na convivência. Guimarães Rosa sugere que os sentidos dão sentimento ao mundo. Ao registrar a cultura popular, revela o seu papel fundamental - fazer a mediação entre os homens e o mundo natural.

Dessa forma, um trabalho em Educação Ambiental deve inicialmente pesquisar o conhecimento prévio do grupo em foco. Posteriormente, a construção de um mapeamento ambiental diário ajuda a identificar e analisar as relações sociais e culturais com o ambiente da casa, do trabalho, da escola, do lazer, dos cultos religiosos (MEYER, 1999). Nesse traçado de redes, os conteúdos programáticos emergem. Sistematizar e propor currículos e temas através dessa metodologia permite contextualizar o aprender e, mais, re-descobrir o ambiente em construção para tecer outras atitudes e compromissos.

Ler e re-ler Grande Sertão: Veredas

Ler o livro *Grande Sertão: Veredas* é um prazer. Se a princípio a leitura parece difícil, não desanime. Comece a ler em voz alta, devagar, sem pressa, saboreando as palavras, desfrutando os momentos e situações descritas. Siga a pontuação como se participasse da conversa. Deixe a linguagem levá-lo como um rio. Gradativamente as imagens ganham contorno e movimento, como em um filme.

Há, no mercado de discos, a gravação “João Guimarães Rosa – sete episódios de *Grande Sertão: Veredas*”, nas vozes de Antonio Candido, Davi Arrigucci e José Mindlin. O cd faz parte da coleção *Ler e Ouvir* e reproduz trechos relevantes da obra, que podem ser acompanhados pelo livro.

Várias leituras podem ser feitas do livro e, em cada uma, o olhar é renovado e a percepção do texto se amplia. A natureza do ser humano e o ser humano na natureza explodem em várias citações. A riqueza de detalhes sobre a fauna, a flora, os rios, o céu, as pessoas conduz o leitor a um mergulho no sertão, espaço geográfico e metafísico.

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruçúia. Toleima. Para os de Corinto e de Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade (p.9).

Logo no princípio do livro, Guimarães Rosa descreve o sertão, o que fará várias vezes de forma

contundente e poética. Uma variedade de temas emergem da narrativa e são passíveis de estudo. A título de ilustração, os trechos reproduzidos a seguir sinalizam uma natureza viva, integrada e contextualizada, sem cair num discurso ecológico vazio. A sensibilidade e contemplação da natureza abrem mil possibilidades de o escritor e o leitor recriarem-na:

De noite, se é de ser, o céu embola um brilho. Cabeça da gente quase esbarra nelas. Bonito em muito comparecer, como o céu de estrelas, por meados de fevereiro! Mas, em deslúia, no escuro feito, é um escurão, que pêia e péga. É noite de muito volume (ROSA, 1980, p. 27).

Até aquela ocasião, eu nunca tinha ouvido dizer de se parar apreciando, por prazer de enfeite, a vida mera deles pássaros, em seu começar e descomeçar dos vôos e pousoação. Aquilo era para se pegar a espingarda e caçar. Mas o Reinaldo gostava - É formoso próprio - ele me ensinou. Do outro lado, tinha vargem e lagoas. P'ra e p'ra, os bandos de patos se cruzavam - Vigia como são esses... Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras - É aquele lá: lindo! Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea - às vezes davam beijos de biquinquim - a galinholagem deles - É preciso olhar para esses com um todo carinho... - O Reinaldo disse (ROSA, 1980, p. 111).

A descrição do casal Manoelzinho-da-croa revela a paixão de Guimarães Rosa pelos pássaros e os significados que eles adquirem no processo de criação

literária. Manoelzinho simboliza o amor de Riobaldo e Diadorim. Aliás, em *Grande Sertão: Veredas* nada é gratuito. O nome dos rios ultrapassa a dimensão geográfica e cartográfica. O rio Urucuia, *onde tanto boi berra*, está preso ao amor - *rio meu, de amor*. Porto-de-janeiro é rio de referência, onde Riobaldo encontrou Diadorim pela primeira vez. Rio do Sono é um rio épico, ou seja, o lugar de vários episódios do romance (tais como a morte de Medeiro Vaz, a chegada de Zé Bebelo, o combate decisivo com os jagunços de Hermógenes). O Paredão, beira do rio do Sono, é o lugar revelador da identidade feminina de Diadorim. Mais do que uma coleção de água de outros rios, córregos, riachinhos com seus leitos sinuosos, os rios de Guimarães Rosa são marcas de identidade. Os cursos de rio sinalizam os caminhos do curso de vida de um Riobaldo, um menino homem que tem um rio dentro de si para navegar no sertão.

O *Grande Sertão: Veredas* abre tantas possibilidades de leituras, recortes e estudo que a melhor dica é iniciar a travessia do sertão!

Referências Sugestões de leituras

MEYER, Mônica. *Ser-tão natureza – a natureza de Guimarães Rosa*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1998. Tese de Doutorado. Um exemplar encontra-se na biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG.

MEYER, Mônica. De um só couro. A natureza nas notas de viagem de Guimarães Rosa. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 31, jun. de 2000. p. 21-42.

MEYER, Mônica. Educação ambiental: uma proposta pedagógica. *Em Aberto*. Brasília: INEP-MEC, ano 10, n. 49, jan./mar. 1991. p. 41-46.

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

